

# ***Cultura do trabalho e produção da cultura institucional universitária***

**Graziela Escandiel de Lima**

grazielalima@unerj.br

Mestre em Educação UFSM, RS e Professora do Centro Universitário de Jaraguá do Sul, SC/UNERJ

**Leandra Bôer Possa**

leandra@unerj.br

Mestre em Educação UFSM, RS e Professora do Centro Universitário de Jaraguá do Sul, SC/UNERJ

## **Resumo**

Este trabalho busca descrever e problematizar as influências da cultura local do trabalho nos discursos e práticas docentes que foram instituindo a historicidade de formação nos cursos de uma instituição fundacional de caráter comunitário. A referida questão tem produzido inquietações provenientes da atividade docente que exercemos na educação superior. A instituição universitária a qual nos referimos se situa no norte de Santa Catarina, região predominantemente industrial, cidades e população que a partir de tradições européias incorporam a cultura do mundo do trabalho como centralidade em suas vidas. É preciso que se olhe criteriosamente o espaço universitário como lugar de produção do conhecimento que se dá pela pesquisa. Neste sentido, os professores seriam os responsáveis pela construção de uma cultura acadêmica e universitária propriamente dita, qual seja, a da pesquisa como princípio e finalidade. Esta seria a estratégia, ou a perspectiva apontada a partir desta problematização: a de estar no espaço da instituição universitária e sabê-la pesquisante, problematizando a cultura local. Cultura essa que privilegia a homogeneidade como na empresa, tendo em formas sutis a expressão de sua dominação, e no tempo a representação de produção, desinstituindo-se de pensar em outra perspectiva de cultura na universidade.

**Palavras-chave:** Cultura do trabalho // cultura universitária // pesquisa // produção da docência

## **A cultura local... contexto**

Pensar as instituições universitárias como espaços e tempos organizados e estruturados pela pesquisa, donas de uma cultura que lhes é própria, nos remete a pensar também a sua constituição, sua expressão regional, missão, objetivos e os objetivos de seus cursos.

A instituição universitária a qual nos referimos situa-se no norte de Santa Catarina, região predominantemente industrial e empresarial, cidades e população que a partir de tradições européias incorporam a cultura do mundo do trabalho como centralidade em suas vidas humanas. A

cultura do trabalho é incorporada tendo a perspectiva de utilização de espaços e tempos humanos em processos de produção, a empresa e a indústria como segunda família, a empregabilidade como única concepção de trabalho e o fazer como força de produção sendo estes mais relevantes que os processos de reflexão e pensamento sobre o processo de produção, sobre como se produz, sobre a influência do que se produz na vida ecológica, cultural e social da comunidade e sobre as conseqüência deste processo de produção na vida de quem produz e na sua constituição que em muitos casos não questiona a emancipação e as concepções de pluralidade cultural e humana.

A cultura de um lugar e o imaginário que ela produz exerce influência na conformação das instituições universitárias, desta forma, encontra-se em terreno fértil a problematização da constituição da universidade e do perfil de formação que vai se moldando aos processos de efetivação dessa cultura do trabalho, neste caso também dentro da instituição em que a educação superior acontece.

"[...] instituição é toda a cristalização e fixação que delimita nosso contato ativo com o mundo exterior e assim dá uma constância previsível às nossas atividades."(STEIN, 1981, p. 39) Nesta linha de raciocínio, podemos então questionar se esta seria uma regra aplicável também para a instituição universitária, que deveria, em sua raiz epistêmica, estar se estruturando pelo veio da pesquisa? Estaríamos cultivando, na academia e nos cursos de graduação, uma idéia profissional de legitimação da ordem de produção e senhorio que a cultura de empresa geralmente "coloca" nos seus funcionários?

Este artigo busca descrever e problematizar as influências da cultura local do trabalho nos discursos e práticas docentes que foram instituindo a historicidade dos cursos de graduação de uma instituição fundacional de caráter comunitário. Busca também refletir através das práticas das professoras pesquisadoras que apresentam estas idéias, as relações que se estabelecem internamente nos cursos da instituição entre formação profissional e formação cultural humana dos acadêmicos e professores inseridos neste espaço e tempo históricos e construtores da própria instituição universitária.

Sabendo que a produção de conhecimento é autobiográfica, pensamos que esta inferência nos dá suporte para que possamos adentrar num campo conceitual da escrita de algo que efetivamente se mostra carente de olhar crítico, duvidoso e produtor, pela problematização, de outra perspectiva e tentativa de compreensão desta problemática que ora se apresenta. Esta introdução se mostra pertinente já que a referida questão tem produzido inquietações provenientes da atividade docente que exercemos na educação superior.

Nossas experiências na educação superior têm desencadeado um suporte substancial de reflexões acerca da representação que as culturas institucionais exercem nos indivíduos que delas fazem parte. A partir da convicção de que a universidade é o lugar em que a educação superior formal

acontece e deve acontecer, pensa-se também que precisamos tê-la como instituição que se configura como produtora de sentidos na formação das pessoas, enquanto individualidades que estão inseridas numa coletividade.

Por outro lado, pensando que a cultura universitária e a formação acadêmica não se constitui somente nos espaços formais do ensino, pode-se perceber que no cenário da instituição a educação não-formal, ou seja, o currículo intencional que se forma na flexibilidade do mundo da cultura como artes e relações de conhecimentos, é inexistente. Neste sentido, atividades acadêmicas como pesquisa e extensão, congressos, simpósios, debates temáticos, peças teatrais e shows, que poderiam compor uma formação mais totalizante do profissional e da pessoa de acadêmicos e professores se torna irrelevante diante da concepção de que educação é trabalho do professor e produção do acadêmico no espaço restrito da sala de aula.

Mesmo as possibilidades tecnológicas da educação virtual não são consideradas pela cultura instituída do fazer cotidiano, do dar aula, do cronograma e dos conteúdos a serem desenvolvidos, e da relação de superioridade e demarcação de um espaço institucional a partir da supervalorização da individualidade das disciplinas e de seus professores.

## **A cultura universitária**

Na perspectiva de pensar a instituição universitária para além da transmissão, ou democratização dos conteúdos culturais historicamente construídos e da formação/conformação dos sujeitos que nela habitam, podemos então nos referir às subjetividades que ali se movimentam, se constroem, os professores e os acadêmicos.

Visualizar o professor na perspectiva de ser o mediador dos processos educativos, visando, entre outras coisas, o desenvolvimento do sentimento de comprometimento profissional junto ao acadêmico, requer um olhar muito mais apurado e focado na constituição deste profissional ao longo de sua atuação na instituição e as determinações culturais de que faz/fez parte.

É preciso que se olhe criteriosamente o espaço universitário como espaço de produção do conhecimento que se dá pela pesquisa. Neste sentido, os seres humanos que nela habitam, professores nesse caso, seriam os responsáveis pela construção de uma cultura acadêmica e universitária propriamente dita, qual seja, a da pesquisa como princípio e finalidade, sua atividade primeira e principal, visto que a produção do conhecimento se dá na e pela pesquisa.

Porém, em se tratando de instituições que estão inseridas na cultura de um modo geral, podemos dizer que essas sofrem as influências da cultura local, neste caso a do trabalho - como já comentado - proveniente de uma região industrial, em que grandes empresas detêm o capital e a força de

trabalho. Neste sentido existe uma irradiação das determinações culturais que se estendem às outras instituições – família, escola, universidade – estas determinações, às vezes sutis, outras vezes nem tanto, colocam no dia-a-dia das pessoas os horários rígidos, inflexibilidade de pensamento, a constituição de ordens lógicas-lineares de atuação, a dificuldade de se compreender o planejamento de forma coletiva e democrática, como também a instituição do fazer muito e pensar pouco.

Percebemos claramente o reflexo da cultura do trabalho empresarial na universidade e na sala de aula no momento em que não se privilegia o diálogo e os vínculos. Pode-se perceber que na cultura institucional da universidade coloca-se a pesquisa e a produção de conhecimento e conseqüentemente a formação universitária em segundo plano, portanto a cultura industrial própria da valorização do trabalho na região é tido como foco e razão de vida das pessoas, representando uma relação de senhorio, um processo de heteronomia construído coletivamente.

A essa relação de senhorio, poderíamos dizer que soma-se a convicção de que a segurança que a instituição empresa proporciona é algo que não se conseguiria somente pela sua própria autonomia e capacidade de reger-se em sua história. "Justamente, aquilo que falta ao homem por natureza, a sua estabilidade e orientação instintiva, é substituído por órgãos exteriores que selecionam seu comportamento: as instituições." (STEIN, 1981, p. 40)

É neste sentido que podemos também inferir que a capacidade de criar e recriar sua história está no homem de acordo com as determinações que lhe são possíveis movimentar através de sua cultura e das instituições das quais participa.

Partindo da idéia de que a universidade, enquanto instituição, é produtora de um imaginário sobre a docência e a realidade de atuação profissional, considera-se importante problematizar o espaço simbólico das significações que se constituem e constroem no plano individual e coletivo da experiência dos professores sobre a forma como encaminham seu trabalho e o que efetivamente influencia na escolha deste ou daquele discurso e/ou prática junto aos acadêmicos. Teriam eles a consciência destas escolhas? Estaríamos nós todos, sempre fadados ao reducionismo de pensar a formação na universidade como também produtora e reprodutora desta cultura do trabalho, da aula, dos horários, dos tempos e espaços restritos na constituição de um curso no nível da educação superior?

Para Stein,

Porque o homem cria instituições, cultura, ele faz história. Porque faz história depende necessariamente da tradição. Esta nada mais é do que o conjunto de todas as instituições que pesam sobre o homem em sua situação concreta. Diante disto, aparece claramente, o fato de as instituições serem, ao mesmo tempo, necessárias para o homem, mas de

elas também serem elemento que limita a originalidade criadora do homem. (1981, p. 40)

A perspectiva desta escrita está inscrita na reflexão que se faz acerca da produção dos sujeitos inseridos numa história que é individual e coletiva e que se dá nas relações com o outro e com as instituições que ao mesmo tempo que produzimos, também produzem o que somos.

### **Algumas reflexões em torno das culturas institucionais...**

Acreditamos que a clareza que se apresenta ainda de forma frágil para nós é a de que se somos produzidos assim, também poderíamos produzir uma forma diferente de lidar com estas determinações. Voltando-nos mais para a questão de um imaginário que se trama e se desenha em nossas histórias e nas relações que estabelecemos com os outros e com os espaços nos quais atuamos, poderíamos dizer que estamos fortemente "condicionados" a valores instituídos sobre nós mesmos e sobre o que fazemos, ou seja, somos regulados por tais valores.

As instituições das quais fazemos parte são criadoras e permeadas pelas significações imaginárias: mitos, crenças, símbolos... e nesta perspectiva podem ser fonte de alienação ou de criação em relação à sociedade e aos homens que produzem nossa realidade. O que se sabe ao certo é que a vida social é impossível fora de uma rede simbólica padronizada de acordo com determinada época.

Toda sociedade cria um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar. (ANSART, apud FERREIRA 1998, p. 49)

A sociedade sempre teve o propósito de produzir os indivíduos, e construir a sua subjetividade de acordo com as suas normas institucionais. Nosso comportamento é construído a partir do imaginário social vigente de acordo com cada época. Por imaginário social podemos entender uma representação coletiva ou individual do real, onde os signos, símbolos e imagens... se entrecruzam em um universo social produzindo determinadas singularidades.. representações...

É nesse sentido que as instituições se mostram como produtoras de um imaginário e de representações de ser no mundo. Dessa forma, consideramos importante entender quais representações a respeito da cultura universitária o professor constrói como profissional nas relações que estabelece na instituição da qual faz parte, ou seja, na universidade.

Esta escrita se pauta na convicção de que o professor universitário, como pessoa é regulado e regula sua vida de acordo com as normas da vida social que estabelece com os outros, com seu local de trabalho, com suas crenças e com seus ideais de formação. É neste sentido que se configuram seus discursos e práticas que estão no entorno do que é a docência universitária para si e para a instituição, uma atividade também voltada mais para a reprodução de uma cultura que não privilegia a formação e, portanto não investe na pesquisa, atividade básica da ciência.

Para Jantsch,

A ciência e o consenso dependem da competência lingüística e cognitiva dos atores capazes de um questionamento radical, em que se respeita a reciprocidade, porém, fundamentando-se na solidez do melhor argumento. Os conhecimentos construídos resultam, então, de um complexo de relações e os conhecimentos não são dados como acabados para serem assimilados, mas se apresentam como um processo contínuo e aberto. (2000, p. 80)

Formação e construção produtiva e significativa de conhecimento seria, ao nosso ver, obrigação que a instituição universitária preocupada com o aprender a aprender deveria possibilitar para professores e acadêmicos. Por isso então que o professor universitário não pode se dar à ingenuidade da não problematização da cultura local e sua produção alienante. Nesse sentido, precisaríamos de uma outra perspectiva, a da "[...] relação dialógica, nessa postura e concepção epistemológica, os conhecimentos, o patrimônio comum da humanidade, são reconstruídos e não reproduzidos, assimilados e não engolidos." (JANTSCH, 2000, p. 81)

Segundo a pesquisa desenvolvida por Possa, que buscou retratar as concepções epistemológicas de conhecimento que permeiam as práticas pedagógicas dos professores da instituição universitária ora refletida por nós, demonstra a perspectiva dialógica e que posturas epistemológicas são orientadas pela cultura racionalista própria da região em que a universidade esta inserida.

[...] a visão de conhecimento produzida na 'cabeça' do professor universitário que compõe o quadro docente da UNERJ é, sem dúvida, o retrato da sua trajetória histórica, de sua caminhada cultural, de sua vivência numa sociedade racionalista e linear, que negligenciou ao longo dos tempos a contradição, o conflito e a transformação crítica do homem e da sociedade. [...] A visão de conhecimento imprimida em suas práticas está imersa nas suas experiências com o conhecimento, haja visto que todo seu processo de formação educacional foi pautado no mecanicismo e no determinismo conteudista, especializado, parcializado e reproduzido tanto pelas práticas de seus professores como nos processos de aprendizagem copista que cada um deles realizou em suas histórias de vida com a cultura em que estão inseridos. (2001, p. 87)

Ainda, na pesquisa acima citada, existe a proposição que a cultura institucional da universidade precisa pensar a mudança cultural da sociedade em que a instituição está inserida, e para isso esta aponta para a idéia de que,

[...] é insipiente afirmar que a transformação pode se dar de fora para dentro como uma inscrição numa folha em branco. Por isso, acredita-se que a mudança da visão do conhecimento que orientará futuras práticas pedagógicas deve se assentar na formação continuada da pessoa e do profissional que é o professor universitário. Ninguém pode oferecer o que não está construído dentro de si, uma construção que passa pelo nós enquanto sujeitos coletivos, quando pode-se referenciar que o conhecimento de cada um, passa por um 'eu' a ser conhecido e reconhecido pelos outros e por si mesmo. (POSSA, 2001, p. 88)

É importante considerar que a instituição mesmo tendo a intenção de limitar o ser humano pela imposição cultural como afirma Stein: "pelas instituições o espírito humano se limita, a subjetividade canaliza seu comportamento. [...] o espírito encontra seu caminho para os outros no desvio das instituições, que sob certo aspecto, são a alienação do próprio espírito. (1981, p. 41) Dessa forma,

numa perspectiva dialética, a própria instituição pode estar utilizando o movimento dos sujeitos e o processo de aprendizagem de novas formas de pensar e agir como possibilidade de, a instituição, se transformar.

Para Stein, "o problema está em determinar a verdadeira relação entre instituição e subjetividade" pois "[...] dependemos, como espíritos, das instituições." Porém, "[...] na medida em que tal homem começa a pôr em dúvida alguma das instituições que o rodeiam, instaura-se uma ruptura." Inicia-se o que poderíamos denotar como a capacidade criadora e instituinte, do ser humano, segundo Castoriadis.

Ainda a partir de Stein, pode-se dizer que o ser humano, com base em sua capacidade de observação, análise e problematização da realidade, pode constituir-se historicamente pela sua consciência e buscar a efetivação de uma outra realidade.

A consciência histórica não é a simples atitude de romper instituições. Ela é o verdadeiro horizonte em que o espírito procura instaurar novos elementos na história, a partir da interpretação da tradição, tirando daí as possibilidades para os projetos históricos futuros. (1981, p. 42)

Na inferência sobre a existência de um imaginário individual e a idéia de coletividade, podemos então considerar que indivíduos e grupos elaboram suas representações a partir do lugar social que ocupam em determinados espaços e tempos de suas vidas, é nesse sentido que precisamos considerar seus interesses, aspirações, desejos, singularidades, formando-se assim conjuntos de representações que denotam o imaginário coletivo.

O imaginário enquanto sistema de representação que existe em toda e qualquer sociedade, sob formas diferentes, se institui expressando e reproduzindo as necessidades das pessoas, os seus objetivos, os seus desejos, sua cultura. O homem nesta perspectiva torna-se singular. Sua subjetividade é produzida em função de um imaginário instituído<sup>1</sup>, produzido culturalmente.

O homem é um ser histórico, enigmático, quase um labirinto, sobre e com o qual existem vários mistérios permeados de regras, normas, valores, que ele adquire através das instituições das quais ele faz parte em determinada época. Um dos elementos formadores deste homem social é o poder institucional que, também constrói sua subjetividade, lugar em que ele se julga e age na sociedade em função de alguns de seus conceitos. O mecanismo institucional, ao mesmo tempo que constrói o ser humano tanto ao nível de sua psique (individual), quanto ao nível social precisa controlar este homem para manter-se e construir uma sociedade de acordo com os seus códigos.

Segundo Castoriadis:

A instituição e as significações imaginárias, inseridas nela e que ao mesmo tempo a animam, são criadoras de um mundo, o mundo desta sociedade dada, instaurada desde o início na articulação entre um mundo natural e

---

<sup>1</sup> Para Castoriadis (1987) imaginário instituído se demonstra no que está sancionado, legitimado em códigos explícitos ou não pela sociedade.

sobrenatural ou, mais geralmente, extra social e um mundo humano propriamente dito. (1992, p. 124)

Um estudo no universo educativo que se configure pelo viés do imaginário, precisa se delinear pela dimensão da busca simbólica de aproximações e relações que se estabelecem na tecitura dos fios que tramam as relações do cotidiano da universidade e da cultura local, neste caso, como real que se mostra/oculta.

Para Sholl:

[...] é esta dimensão do real que se busca incorporar aos estudos do fenômeno educacional, através de pesquisas que permitam detectar as diferentes percepções dos membros ("atores") da sociedade em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, e sistematizar informações sobre como os indivíduos se vêem enquanto parte de uma coletividade. (1992, p. 106)

Ao estabelecer-se como ser individual, sendo parte de uma coletividade, o indivíduo coloca-se como protagonista de suas relações com o meio e as instituições das quais faz parte.

O que parece se mostrar mais factível no cenário de investigações das ciências humanas é uma dicotomia entre as representações individuais e coletivas que se constróem em relação, e, sendo assim, não podem ser analisadas de forma separada. Podemos, também, trazer para o foco as inter-relações do simbólico-imaginário coletivo com a capacidade subjetiva individual de ser no mundo.

### **Alguns caminhos...**

Pensaríamos, nesse sentido, nas inter-relações que as dimensões individuais e coletivas de produção de sentidos operam na constituição de representações e marcas de ser professor na universidade, obedecendo às regras de uma cultura institucional que prioriza o trabalho e a idéia de produção dele advinda. Para Trindade, na vida social, os indivíduos têm suas performances marcadas pelos registros de rituais que se apresentam em constantes reatualizações.

Essas marcas de comportamentos e os sentimentos de continuidade ou de mudança no cotidiano, que são significativas para os participantes, são vividos e concebidos através dos símbolos contidos nestes rituais. (1997, p. 23 )

Entender as representações do professor universitário como profissional, compreender o estatuto de saber e poder dentro da instituição universitária e a possibilidade de encontrar seu papel profissional na formação acadêmica se constitui num processo de reflexão de um espaço institucional, a universidade, como espaço repleto de um imaginário construído pela dominação do saber e também do poder, um tempo imaginário em construção pela via das tensões existentes nestas relações. Neste sentido, tendo em vista que o imaginário se mostra e opera por oposições, poderia se dizer que visualizar estas questões se mostra uma tarefa complexa.

Ferreira e Eizirik nos falam sobre isso:

Pode-se dizer que o imaginário não se institui, enquanto objeto de conhecimento, de tal forma que possamos identificá-lo por procedimentos imediatos. Investigá-lo significa adentrar pelas vias das linguagens, admiti-lo como algo que se institui/instituindo sentido à vida humana. (1994, p. 8)

Investigar o imaginário docente deste professor formador é buscar perceber os sentidos construídos por eles em torno de como é possível ser professor estando imerso em uma cultura institucional que privilegia o trabalho, a relação de senhorio sempre presente, os horários rígidos... Isto leva a crer que é imperioso que se trabalhe na perspectiva simbólica, atentando para os ditos e os não ditos, os gestos, os olhares, as materializações em discursos e práticas das concepções construídas em torno de uma cultura do trabalho, da produção, e da não efetivação de uma cultura institucional que se mostre precursora, na perspectiva universitária, de um ensino que se dá na e pela pesquisa.

Esta seria a estratégia, saída, ou a perspectiva apontada a partir desta problematização: a de estar no espaço da instituição universitária e sabê-la pesquisante, não tendo mais como admitir que as subjetividades sejam apagadas, colocadas como mais uma que pertence a um coletivo em que todos pensam de acordo com a cultura institucional; cultura essa que privilegia a homogeneidade como na empresa, tendo em formas sutis a expressão de sua dominação, e no tempo a representação de produção, desinstituindo-se de pensar em outra perspectiva de cultura na universidade.

Na medida em que a subjetividade se alteia, insere-se nas instituições o germe constante da ruptura possível. Na medida em que o espírito humano dispõe na sua história, cada vez mais, de seu poder como sujeito, está introduzida na história a surpresa, sempre por explodir, das novas formas institucionais. (STEIN, 1981, p. 43)

Desta forma buscaríamos então, na instituição universitária a ruptura pretendida que produz, incita e nos mobiliza para a produção do conhecimento, nossa tarefa, como professores e pesquisadores que somos.

## **REFERÊNCIAS**

- CASTORIADIS, C. 1987. *As encruzilhadas do labirinto III: O mundo fragmentado*. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CASTORIADIS, C. 1992. *A criação histórica*. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- FERREIRA, N. T. e EIZIRIK, M. F. 1994. *Educação e Imaginário social: revendo a escola*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.
- FERREIRA, R. 1998. O Imaginário Social, O Sagrado e o Profano. In: R. FERREIRA. *Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor*. Rio de Janeiro, Quartet.
- JANTSCH, A. P. ZAMBIASI, J. L. 2000. *Por uma educação com razão: filosofia da educação na formação do educador*. Perspectiva, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 69-85, jul./dez..
- OLIVEIRA, V. F. 2000. (org.), *Imagens de Professor: significações do trabalho docente*. Ijuí, Ed. UNIJUÍ.
- POSSA, L. B. 2001. *Visão de conhecimento que orienta as práticas pedagógicas na UNERJ: um estudo de caso na Profissionalização continuada de Docentes*. Jaraguá do Sul/SC, Dissertação de Mestrado, Universidade de Havana, Cuba.
- SHOLL, L. 1992. Desejos sociais "versus" Práticas educacionais: uma tensão no imaginário social. In: N. TEVES (org.), *Imaginário Social e Educação*. Rio de Janeiro, Gryfus, Faculdade de Educação da UFRJ.
- STEIN, E. A 1981. cultura e as instituições. In: E. STEIN. *História e ideologia*. Porto Alegre, Movimento, p. 39-45.
- TRINDADE, L. e LAPLANTINE, F. 1997. *O que é imaginário ?* São Paulo, Brasiliense.